

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

Hugo de Souza Lima de Oliveira¹

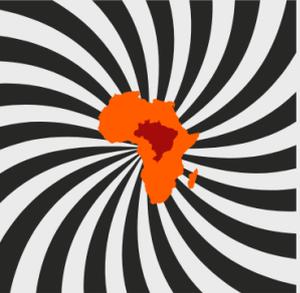
SILVA, Danilo Pereira; SANTOS, José Jackson Reis dos Santos. **Relações étnico-raciais no contexto da educação de pessoas jovens, adultas e idosas: reflexões e proposições para vida e para escola.** Curitiba: CRV, 2024. 142. p

O livro “Relações étnico-raciais no contexto da educação de pessoas jovens, adultas e idosas: reflexões e proposições para vida e para escola” apresenta resultados de pesquisas do Grupo Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), inicialmente desenvolvida em 2017, durante o curso de Licenciatura em Pedagogia e ampliada no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), entre os anos de 2019 e 2021 pelo Danilo Pereira Silva, com a orientação do professor José Jackson Reis dos Santos, ambos autores desta obra.

A obra é fruto de uma pesquisa científica, que se une ao compromisso social dos autores e suas vivências no ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para uma educação antirracista no dia a dia da sociedade e das escolas. Neste livro, os autores optaram por usar a sigla EPJAI (Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas), mesmo reconhecendo a existência de outras alternativas (como EJA e EPJA), com o objetivo de destacar a diversidade de pessoas, práticas, contextos, memórias, histórias, trajetórias e tempos de vida presentes nessa modalidade da educação básica, que historicamente tem sido marcada por processos de exclusão, invisibilidade, desigualdade e injustiça social.

A relevância das questões abordadas neste livro, se fundamentam na compreensão do acesso à educação como um direito, conforme estabelecido pela Constituição Federal do Brasil de 1988, instituindo a educação como um direito social e dever do Estado, incluindo a modalidade da

¹ Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEEn/UESB). Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade do Sul (FACSUL). Especialista em Gestão Pública e Graduado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Educação Montenegro (FAEM). E-mail: hugolimaa@yahoo.com.br.



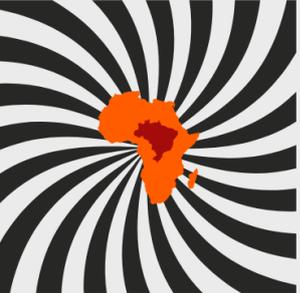
EPJAI, que compõe a Educação Básica, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96. Embora esse direito seja constitucionalmente garantido, na prática, as desigualdades no acesso à educação entre pessoas negras e brancas são evidentes. Além de considerar a EPJAI sob a ótica da afirmação de direitos, os autores as definem como uma política de ação afirmativa. Nesse sentido, a obra propõe analisar o surgimento dos discursos sobre as relações étnico-raciais na EPJAI, utilizando uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e documental.

O livro está organizado em três capítulos e uma parte final, onde os autores apresentam conclusões e reflexões sobre a temática central. Foram utilizados dois métodos principais: uma revisão de produções científicas que exploram a interseção das temáticas abordadas, visando construir um estado do conhecimento; e análise de documentos normativos sobre a EPJAI e as relações étnico-raciais na Educação Básica, ao nível nacional, relacionando-os com documentos internacionais. Para a coleta de dados, os autores utilizaram a plataforma web da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), nos Grupos de Trabalho 18 (GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas) e 21 (GT21 – Educação e Relações Étnico-Raciais), abrangendo as últimas onze edições das reuniões nacionais, entre os anos de 2006 e 2019, além das plataformas governamentais online, como o portal da Legislação, no site do Palácio do Planalto e o portal do Ministério da Educação.

O primeiro capítulo, “Relações étnico-raciais e suas interfaces com a educação de pessoas jovens, adultas e idosas: situando o debate”, apresenta conceitos fundamentais relacionados à educação para as relações étnico-raciais, como raça, etnia e racismo, com o objetivo de situar historicamente esses conhecimentos em suas dimensões analíticas ou nativas. Também foi possível identificar a ilustração de alguns aspectos dos processos que envolvem as relações étnico-raciais e a EPJAI.

Sob a perspectiva pós-colonial e citando Mbembe (2014), os autores afirmam que a raça é uma construção social útil, sendo assim, fantasiosa e ideologicamente moldada, criada independentemente da realidade, o que lhe confere uma certa força e complexidade – explicando sua mobilidade e inconstância. Historicamente, o conceito de raça é contraditório e resultante do processo civilizatório eurocêntrico-capitalista-colonial, que objetificou e mercantilizou a humanidade do outro.

Segundo os autores, alguns estudiosos rejeitam o conceito de raça, mesmo dentro de uma abordagem social, optando por utilizar o termo etnia, muitas vezes de maneira sinônima, por



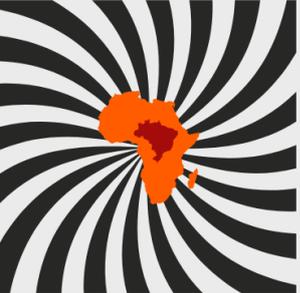
considerarem que o primeiro possui conotações políticas e ideológicas. Os autores destacam a fragilidade dessa equivalência, pois, enquanto o conceito de raça, conforme a história mostra, está ligado à morfologia e à biologia do século XIX, o de etnia abrange uma série de aspectos culturais. Neste livro, não foram consideradas raça e etnia como sinônimos; preferindo-se utilizar a categoria étnico-racial para discutir os elementos que se interconectam em suas relações.

Reconhecendo que a etnia está em constante evolução ao longo da história, os autores discutem etnias contemporâneas, desde que seus defensores o façam de forma específica, evitando confusões com outros conceitos, como ao se referirem a etnia “negra” e cultura “branca”. Essa questão está ligada à posição coletiva de brancos e negros na estrutura social, resultado de uma perspectiva político-ideológica. Essa visão, influenciada por uma ideia racista que associa raça (biologia) e cultura, considera os brancos, no topo dessa hierarquia, como pertencentes a uma única etnia ou cultura, desconsiderando as diferenças étnicas.

No tocante à discussão sobre racismo, foi optado por discutir os “racismos”, no plural, com o objetivo de destacar e analisar suas diferentes facetas. Nesse sentido, os autores fazem uso da reflexão de Almeida (2018) para entender as três dimensões fundamentais que o racismo se organiza: individualista, institucional e estrutural.

Na perspectiva individualista, o racismo é visto como uma “patologia” social, tanto no nível individual quanto coletivo. Isso torna a questão essencialista e limita o conceito a um simples aspecto ético ou psicológico, ignorando seu caráter político e econômico. Em contraste, a visão institucional refuta esse reducionismo ao entender o racismo como um produto das instituições; ou seja, as dinâmicas políticas e econômicas, como as do Estado, que promovem privilégios e desvantagens através da raça. As instituições exercem hegemonia, e esse processo pode ser definido como uma forma de dominação que ocorre por meio das relações – não apenas de um indivíduo sobre o outro, como na visão individualista, mas também entre grupos específicos que exercem poder sobre outros. O racismo institucional integra uma estrutura social que já é racista em sua essência e, surge, então, a noção estrutural.

Sendo assim, é nesse contexto que as relações étnico-raciais e a EPJAI se entrelaçam em caminhos de negações, desigualdades, exclusões e descasos. Embora exista progresso no acesso à educação para pessoas negras, ainda é possível observar que, no século XXI, esse avanço é bastante lento, principalmente quando se analisa os dados estatísticos apresentados nesta obra, notando-se que esse processo de negação não apenas se acumula, mas também se transforma ao longo do tempo, fundamentado no racismo estrutural.

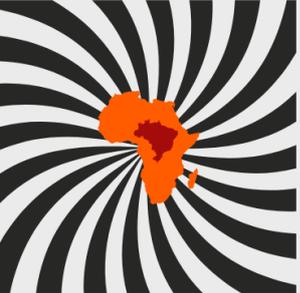


No segundo capítulo, intitulado “Discursos científicos na interface relações étnico-raciais e educação de pessoas jovens, adultas e idosas: indicações e reflexões para a vida-escola”, foi realizado uma análise de 466 produções científicas, desenvolvidas no Brasil e publicadas na ANPED, nos Grupos de Trabalhos – GT 18 e GT 21, no período de 2006 a 2019, entre pôsteres e artigos, onde os autores localizaram apenas 9 trabalhos que abordam a articulação entre a EPJAI e as relações étnico-raciais. Trata-se de estudos fundamentados em abordagens qualitativas que empregam técnicas bastante semelhantes, como observações dos participantes, questionários e entrevistas. Foi observado também que mais da metade das pesquisas estão concentradas no estado de Minas Gerais, todas vinculadas a núcleos e associações de estudos afro-brasileiros. A maioria dos pesquisadores envolvidos é composta por pessoas negras, que abordam as questões raciais dentro de um movimento decolonial com uma perspectiva política e epistêmica.

Foi possível notar, no que diz respeito às produções científicas, que nas práticas discursivas emerge a falsa dicotomia entre classe e raça, com uma sobreposição de uma sobre a outra. O que fez os autores acreditarem que a questão racial, as formas de dominação manifestadas pelo racismo e a maneira como essa estrutura molda a sociedade devem ser analisadas em conjunto com a questão de classe, as dinâmicas de exploração e as condições históricas, políticas e econômicas, e vice-versa.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Discursos normativos nos campos da EPJAI e das relações étnico-raciais: diálogos entrecruzados”, foi escrito com base nas diretrizes educacionais normativas brasileiras, onde os autores compreendem que o campo da EPJAI, se forma através de amplos movimentos e diálogos coletivos, com o objetivo de assegurar a efetivação dos direitos sociais, da igualdade e da equidade. Os processos de exclusão e negação desses grupos, historicamente presentes na educação no Brasil, tornam-se ainda mais evidentes quando analisamos a desigualdade de acesso à educação entre pessoas negras e brancas. A escola destinada às pessoas brancas não é a mesma oferecida às pessoas negras.

Os autores reforçam a ligação entre a EPJAI e as questões étnico-raciais como parte de políticas afirmativas, tanto no que diz respeito aos avanços normativos em ambos os campos – que propõem reflexões sobre diversidade e, em última instância, sobre igualdade racial – quanto aos indivíduos que fazem parte dessas interações. Embora exista uma lacuna epistêmica e descontinuidade nas políticas direcionadas à educação para as relações étnico-raciais, especialmente no âmbito da EPJAI, essas questões já estão presentes nesse contexto educacional.



A análise dos discursos e práticas normativas que moldam as relações étnico-raciais na EPJAI está sempre ligada às formas de governança, à relação entre poder e conhecimento, e às maneiras de resistência. A luta do Movimento Negro, e de todas as pessoas que se opuseram ao poder hegemônico e totalitário em diferentes momentos históricos, surge nas dinâmicas cotidianas, nas “microfísicas” das relações entre saber e poder, e não necessariamente por meio de grandes feitos ou vitórias.

“Entre Limiares e Inflexões, Continuidade(s)...” foi a forma que os autores encontraram para dedicar a apresentar algumas reflexões finais obtidas a partir da análise dos dados compartilhados nesta obra. Sem a pretensão de traçar uma história metafísica ou buscar a origem e essência das coisas, o foco está no contexto histórico, naquilo que as coisas são sem uma essência fixa, e na emergência dos discursos científicos e normativos que envolvem as relações étnico-raciais e a EPJAI. Os autores não ofereceram uma resposta definitiva para as questões levantadas, nem algo que poderíamos chamar propriamente de “considerações finais”, mas, sim, a construção de um pensamento que pode ser constantemente revisitado, reformulado e desafiado.

O livro “Relações étnico-raciais no contexto da educação de pessoas jovens, adultas e idosas: reflexões e proposições para vida e para escola” é de grande importância para o atual contexto educacional brasileiro em que os autores descreveram o contexto histórico da EPJAI, analisando produções acadêmicas, atos normativos e suas políticas públicas. É um livro com uma linguagem precisa e coerente, que merece atenção de todos os profissionais da educação, movimentos sociais e instituições que lutam por uma educação de qualidade para pessoas jovens, adultas e idosas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

Enviado em: 01/10/2024

Aceito em: 01/11/2024